

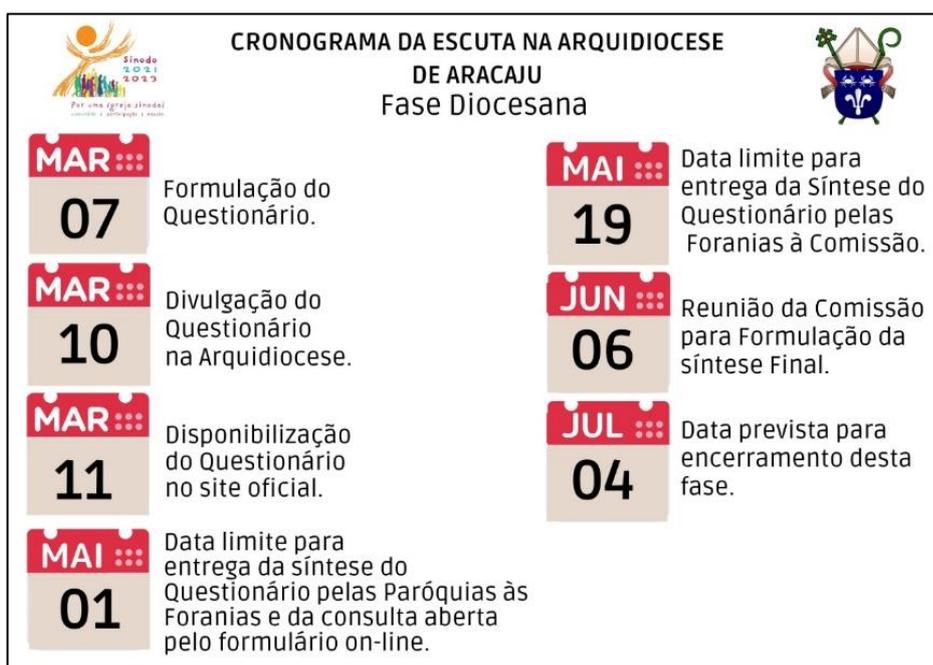
INTRODUÇÃO

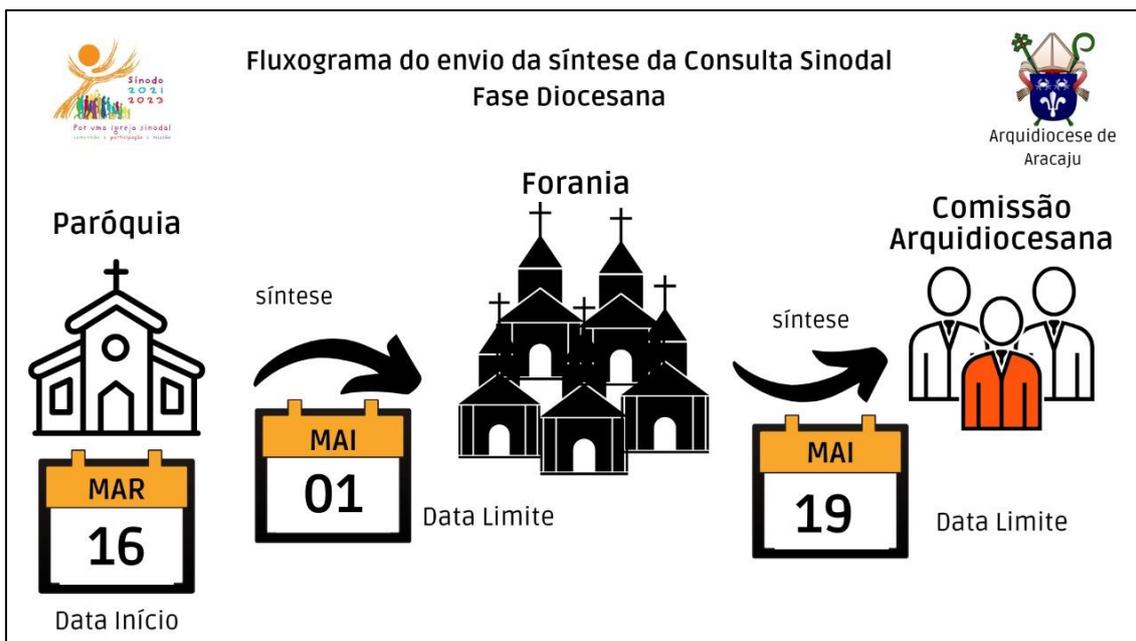
Na Arquidiocese de Aracaju, o processo de escuta do SÍNODO 2021-2023 foi organizado da seguinte forma: foi composta uma comissão diocesana com representantes do Clero, dos Leigos, dos Religiosos e Religiosas e da Juventude. Essa comissão teve como objetivo preparar e planejar as atividades da fase diocesana como: propor o arcabouço de como se realizaria a consulta, os meios utilizados, os prazos, a divulgação do evento e a responsabilidade de elaborar uma síntese do material recebido.

No primeiro momento, foi necessário nivelar o conhecimento, a nível de comissão, do molde proposto pelo Sínodo para essa escuta, como também apresentar o material já disponibilizado pela CNBB como o documento preparatório, o documento *Vademecum*, vídeos etc.

Decidiu-se que a metodologia da consulta seria feita através de um questionário, incluindo os 10 temas propostos, disponível no site da Arquidiocese. Para a diocese foi indicado que as paróquias responderiam o mesmo questionário que seria encaminhado às suas respectivas foranias e estas elaborariam uma síntese a ser enviada à Comissão Diocesana. A Comissão, com a síntese das foranias em mãos juntamente com os questionários entregue pelo público, elaboraram a presente síntese final. Para melhor identificação da assistência atingida, o questionário foi categorizado por nível que pudesse identificar a que grupo o participante estava enquadrado, com o intuito de se criar um censo para melhor compreender os grupos sociais e religiosos motivados a participarem nesse processo de escuta. Assim foi disponibilizado as seguintes alternativas: individual; grupo (sociedade civil organizada), paróquia, organizações eclesiais, pastoral diocesana, movimentos eclesiais e novas comunidades de vida. Como metodologia de divulgação e formação foi discutido e apresentado o tema nas assembleias arquidiocesanas, em reuniões com os vicariatos, formação juntos às paróquias, exposição do tema através de entrevistas em programas de rádio e de postagens nas redes sociais da Arquidiocese.

Demonstramos abaixo alguns posts relacionados ao tema publicados nas mídias sociais:





CRONOGRAMA DA FASE ARQUIDIOCESANA

19 DE MAIO ✓

Data Limite para às FORANIAS enviar a síntese do questionário das paróquias.



1. QUESTÃO FUNDAMENTAL

Como se realiza hoje, a diferentes níveis (do local ao universal) aquele “caminhar juntos” que permite à Igreja anunciar o Evangelho, em conformidade com a missão que lhe foi confiada; e que passos o Espírito nos convida a dar para crescer como Igreja sinodal?

Através da comunhão já existente entre os pastores e fiéis da Igreja, ressaltando a nota da unidade Católica. Uma comunhão que nos impele a um desenvolvimento, cada vez maior, deste sentimento pela caridade, sem nos esquecermos de que, como cristãos, devemos estar abertos ao diálogo com todos, inclusive com os que são diferentes e indiferentes à nossa fé. Sendo sinais, como ‘sal da terra e luz do mundo, fermento na massa’, porque isso nos ordenou o Senhor (cf. Mt 5,13-14; 13,33; Lc 13,21).

2. COMPANHEIROS DE VIAGENS

Na "nossa Igreja" local, quem são aqueles que caminham juntos? Percebemos que, para caminhar juntos, é necessário que nos deixemos educar pelo Espírito Santo para uma vida de conversão, com coragem e liberdade de coração acolhendo e amando-nos uns aos outros. O amor é o vínculo de unidade. "Caminhar Juntos" abrange toda a humanidade, da qual compartilhamos as alegrias, as esperanças, as tristezas e angústias. Os “companheiros de viagem” são todos aqueles que são chamados a exercer uma função de liderança em seus respectivos grupos, pastorais, movimentos e ministérios. Eles são porta-vozes dos que são liderados, tornando dinâmica a ação de comunhão com todas as instâncias da Igreja.

Quem nos pede para caminhar juntos? Deus, expressão de unidade. Ele é Uno e Trino: Deus Pai, com seu olhar generoso pela humanidade; Jesus Cristo, que sempre caminhou junto aos pobres e excluídos, que nos mostrou que era o caminho, a verdade e a vida; e o Espírito Santo que, com os seus dons, nos move à santidade e à fraternidade. Somos convidados a caminhar com o Senhor, na certeza de que ninguém é bom sozinho. Ouvimos a sua voz, que é manifestada em nossa conjuntura atual pelo Papa Francisco.

Quem são os companheiros de viagem, inclusive fora do perímetro eclesial? Existem muitos companheiros de viagem que estão fora do perímetro eclesial que necessitam de uma maior atenção: comunidades quilombolas, movimentos LGBTQI+, indígenas, pessoas em situação de rua, mulheres, dependentes químicos, pessoas prostituídas, jovens adictos, os que vivem nas periferias existenciais, os cristãos separados etc.

O que podemos fazer para melhorar esse "caminhar juntos"? O “caminhar juntos” será aperfeiçoado a partir do fortalecimento da caridade que pregamos, no sentido fundante da palavra, gerando obras caritativas e sociotransformadoras, mudança de abordagem/linguagem, na busca da unidade e promoção da “Igreja em saída”.

3. OUVIR

Com quem está a nossa Igreja Particular "em dívida de escuta"? Com os dependentes químicos. Estamos em dívida de escuta com as crianças, jovens, idosos, pessoas que estão do “lado de fora” da Igreja, marginalizados. Deixamos de escutar aqueles que fogem do padrão pré-estabelecido pela sociedade. Ouvir mais seus “padres”. Os leigos em geral, pois pode existir a tentação de não se ouvir direito as suas vozes nas reuniões e assembleias com os clérigos. Além deles, LGBTQIA+, casais em novas uniões, população em situação de rua, população carcerária, prostitutas, mulheres violentadas e marginalizadas, negros etc.

Como são ouvidos os Leigos, de modo particular os jovens e as mulheres? Ainda de forma deficitária, mas tratados com atenção e incentivo para não desanimarem. Por meio de encontros realizados pelo pároco e lideranças católicas das comunidades. De modo geral, escuta restrita às paróquias. Canais de comunicação ainda frágeis. As mulheres, em especial, não são ouvidas como deveriam, a Igreja segue com um rosto predominantemente masculinizado. Quando o Pároco põe em prática a sinodalidade, é nas paróquias, por meio de assembleias e reuniões que os leigos são ouvidos, ao contrário, não há essa possibilidade.

Como integramos a contribuição de consagrados e consagradas? A integração dos consagrados ocorre através dos serviços paroquiais/pastorais, exercidos no território paroquial. Os consagrados, quando envolvidos nas atividades, sempre são bem-vindos, pois nos ajudam no processo da caminhada. Estão presentes na evangelização. Mas, existem resistências dos párocos em determinadas realidades frente a algumas congregações religiosas femininas. Percebemos a falta de maior espaço em que as religiosas possam atuar com maior liberdade nos ambientes diocesanos.

Que espaço ocupa a voz das minorias, dos descartados e dos excluídos? Espaço muito pequeno - diga-se de passagem -, pois as comunidades são inúmeras e quase sempre ficam na periferia das realidades pastorais. Eles encontram voz por meio dos movimentos, pastorais sociais, da Caritas, obras sociais da Arquidiocese, da representação da hierarquia da Igreja, por meio das evangelizações e acolhimentos dessas pessoas, pelo fato de elas serem excluídas da sociedade, para fazerem parte da comunidade cristã e serem resgatadas em sua dignidade.

Conseguimos identificar preconceitos e estereótipos que impedem a nossa escuta? Sim. Alguns grupos em especial: os protestantes, os de matrizes africanas, os que não professam a fé, os movimentos LGBTQI+, os movimentos negros e de muitos da sociedade civil. A sociedade atual é carregada de preconceitos e estereótipos, o que constitui uma barreira a ser vencida no processo de evangelização mesmo diante do esforço de não deixar de ouvir e acolher ninguém.

Como ouvimos o contexto social e cultural em que vivemos? De diversas formas: através do contato pessoal, mídia, reivindicação, protestos, movimentos sociais organizados e associações. Ouvimos através dos anseios das pessoas que integram a sociedade e os fiéis que estão próximos da realidade em questão.

4. TOMAR A PALAVRA

Como promovemos, no seio da comunidade e dos seus organismos, um estilo comunicativo livre e autêntico, sem ambiguidades e oportunismos? A promoção de uma autêntica comunicação passa por melhorias institucionais nos canais de diálogo nas comunidades, em união com os esforços de toda a Diocese (exemplos: Rádio Cultura, redes sociais, Pastoral da Comunicação, Conselhos Paroquiais e Arquidiocesanos). A divulgação dos projetos também é importante, especialmente em tempos de desinformação e notícias falsas.

E em relação à sociedade de que fazemos parte? Faz-se necessário uma melhor interação entre a Igreja e os movimentos sociais, como também os organismos públicos, a exemplo como ocorre com o projeto AGREVIDA (Agreste pela vida), que é destinado à manutenção e proteção da Lei Maria da Penha, sendo fortemente divulgada sua missão e resultados em nossa sociedade e paróquias.

Quando e como conseguimos dizer o que é deveras importante para nós? Quando conseguimos externalizar os nossos pensamentos através do diálogo com os líderes das comunidades cristãs. Isto é feito por meio de reuniões, encontros de pastorais, movimentos e conselhos paroquiais. Quando conseguimos tomar a palavra em circunstâncias internas dentro da paróquia, sendo necessário envolver mais a comunidade em eventos promovidos pela paróquia que possibilitem o diálogo e o acolhimento. É uma experiência de discernimento, participação e corresponsabilidade.

Como funciona a relação com o sistema dos meios de comunicação social (não só católicos)? Com a pandemia, fomos obrigados a melhorar, avançar e até criar a Pastoral da Comunicação em muitas comunidades eclesiais. Através desses meios buscamos ter um diálogo fraterno e parceiro nas divulgações, embora existam algumas tensões quando se toca em temas considerados polêmicos. A relação da nossa Igreja Arquidiocesana com os diversos meios de comunicação social é equilibrada e respeitosa. Utilizamos para nos comunicar das redes sociais, dos sistemas de televisão local, da Rádio Cultura de Sergipe (que é a emissora radiofônica da Arquidiocese de Aracaju) etc.

Quem fala em nome da comunidade cristã e como é escolhido? Quem fala em nome da comunidade cristã são os clérigos (bispo, presbíteros, diáconos), os religiosos, líderes das novas comunidades e as lideranças leigas. Assume a liderança das comunidades paroquiais os clérigos por designação episcopal, com consulta aos conselhos. Nas associações, movimentos pastorais e comunidades, os leigos por designação episcopal, do presbítero local, ou por eleição feita pelos próprios leigos pertencentes à agremiação em voga.

5. CELEBRAR

De que forma a oração e a celebração litúrgica inspiram e orientam efetivamente o nosso "caminhar junto"? A partir da conversão de vida, compreendendo Cristo como cabeça da Igreja. A celebração nos inspira a seguir os passos de Jesus, e, assim, seguirmos juntos em direção ao seu Reino definitivo. Tendo em vista, que a mensagem de Jesus desde sempre, sinaliza para uma formação comum, estarmos juntos, embora sejamos muitos, porém formamos um só corpo (cf. 1Cor 10,17). As homilias catequéticas à luz do Espírito nos inspiram e orientam para uma caminhada única, auxiliadas pela organização e dedicação dos grupos nas ações litúrgicas. Desta forma, promove-se a participação das pessoas na oração e na celebração litúrgica como forma de levar a alegria de participar, sendo importante na reflexão sobre que caminhos andarem e a importância de se caminhar junto. Através da participação efetiva nas missas, cria-se um sentimento de corresponsabilidade, pois o ponto mais sublime da celebração litúrgica, a comunhão, nos ensina a caminhar juntos. O “orar e celebrar” devem ser centradas sempre em Cristo, alimentando e solidificando a nossa fé.

Como promovemos a participação ativa de todos os fiéis na liturgia e o exercício da função de santificar? Buscando dialogar a partir do nosso exemplo de vida, unidos à Tradição Apostólica, à Sagrada Escritura e ao Magistério da Igreja. Através de ações comunitárias, isto é, convocando os fiéis para participarem ativamente da liturgia de acordo com os dons dados pelo Espírito Santo. Os leigos têm espaço na liturgia, música, leitura, ministros, animadores, nas orações. Tendo em vista que, todo o Povo de Deus se faz ativamente presente na vida litúrgica e sacramental da Igreja particular.

Que espaço é reservado ao exercício dos ministros do leitorado e do acolitado? Ainda não é uma realidade em nossas paróquias. Estamos em processo de implantação, iniciando os estudos

desses ministérios para poder instruí-los aos leigos; atualmente existindo apenas nos seminários. Porém, vale ressaltar, que nunca se sentiu a ausência destes ministérios na vida litúrgica da nossa Igreja particular. Pois leigos e religiosos contribuem ativamente neste serviço, com leituras, comentários, salmos e preces nas celebrações. Jovens auxiliam no serviço do altar (coroinhas), bem como os Ministros Extraordinários da Comunhão Eucaristia.

6. CORRESPONSÁVEIS NA MISSÃO

Dados que somos todos discípulos missionários, de que maneira cada um dos batizados é convocado para ser protagonista da missão? Pela consciência do assumir o papel de cristão no testemunho profético, em casa, no trabalho, em todos os lugares que estejam. Na sociedade civil onde já está inserido, com o sacerdócio comum dos fiéis. Por isso, devemos estar atentos ao chamado que nos é feito e assumindo o compromisso, tanto na Igreja quanto nas comunidades, de evangelizar e servir a Igreja sobre a orientação dos pastores. Desta forma, somos todos responsáveis pela difusão do Evangelho de Jesus para que sua ação salvífica "chegue a todos", auxiliados pela catequese continuada, pela vivência da Palavra, pela vida sacramental e pela participação em grupos, movimentos e pastorais, sentindo-nos protagonistas na missão. Entretanto, o "despertar" missionário nem sempre acontece ou é abraçado pelos fiéis, infeliz e mormentemente.

Como é que a comunidade apoia os seus membros comprometidos num serviço na sociedade (na responsabilidade social e política, na investigação científica e no ensino, na promoção da justiça social, na salvaguarda dos direitos humanos e no cuidado da Casa Comum etc.)? Não faz parte da nossa realidade em parte, mas em relação a 'Casa Comum', a partir de ações práticas. A comunidade se insere em todas as atividades, sem tomar partido, incentivando e divulgando os valores cristãos, que devem permear estas realidades. Porém, no momento existe um apoio teórico muito simples (talvez, tímido) com o Compêndio da Doutrina Social da Igreja e a sua aplicabilidade. Compreende-se a importância e necessidade deste serviço de comprometimento para que a Igreja também seja escutada, escutando. Este comprometimento passa pelo investimento e apoio e apoio à formação e capacitação de agentes transformadores. Haja vista que a comunidade dá seu apoio aos irmãos que estão mais à frente das ações comunitárias no apostolado, deve apoiá-los mais como parceiros da Igreja, no que diz respeito às melhorias para todos através de atendimentos ao público em geral se abrindo aos projetos de cunhos médicos, jurídicos, educacionais entre outros.

Como os ajuda a viverem estes compromissos, numa lógica de missão? Na vida social, testemunhando nas pequenas coisas, mesmo sabendo que muitas delas não fazem parte de nossa realidade. Dando-lhes apoio presencial e espiritual, para que possam exercer seus compromissos à luz do Evangelho, a partir de uma práxis da fé cristã na sua presença no mundo. Incentivando a vivência da fé na vida pessoal e comunitária. Entendendo e valorizando a importância destes compromissos "dentro" e "a partir" da Igreja. A realização de eventos, enaltecendo o trabalho relacionado com a responsabilidade social e política, a investigação científica e ensino, a promoção da justiça social e o cuidado da "casa comum" pode ser uma ferramenta para a socialização do conhecimento e a valorização destas pessoas. Pois, na lógica de missão, alguns exercem a solidariedade, se juntam aos missionários numa ação, num evento, numa realização festiva, prevalecendo o espírito de missão conjunta, uma "Igreja em saída".

Como se verifica o discernimento a respeito das escolhas relativas à missão e quem participa? Todos são chamados à missão. É por meio da oração e dos pastores que a Santa Mãe Igreja nos envia, a partir do nosso sim ao chamado e à vocação que o Senhor nos confiou. O ministério de

catequistas tem o seu espaço reservado nos encontros que ocorrem semanalmente, na sede paroquial, no âmbito em que exercem a sua missão de ensinar a fé às crianças, jovens e adultos. Porém, olhando para cada realidade de cada paróquia e do perfil dos seus pastores próprios, os leigos podem sair em missão ou não. Percebe-se, além do mais, que os desafios da sociedade hodierna estão cada vez mais dificultando o trabalho voluntário dos leigos; e que também, nalguns casos, o descumprimento vem através de pessoas movidas e capacitadas a exercer o protagonismo na missão, sobretudo os que dispõem em ajudar, mas que acabam atrapalhando o processo.

Como avalia o andamento da prática catequética da nossa Arquidiocese? A escola de catequese, por vicariatos e foranias, está em fase de implantação de novas metodologias, que visam melhorar a compreensão e a vivência da fé cristã por parte dos catequizandos. Existe uma orientação, um esforço para a mudança da mentalidade subjacente de catequese escolar para uma dinâmica com inspiração catecumenal, ainda que haja algumas resistências, tanto por parte de alguns sacerdotes, como também de alguns catequistas. Vê-se uma caminhada bonita e frutífera com formações, encontros e dinâmicas, dando bons passos no caminho ou projeto que a Igreja no Brasil está nos pedindo nos tempos atuais. Apesar da falta de compromisso de muitos catequistas incorporarem essa demanda.

Tendo em vista que a catequese participa da missão da Igreja, que espaço é reservado ao exercício do ministério de catequistas? Em nossas paróquias existem condições de formação para os catequistas para que exerçam sua missão. Ainda estamos estudando e aprofundando esse ministério a fim de implantá-lo em nossas comunidades paroquiais, sabendo da sua importância para a formação dos novos discípulos de Jesus, mesmo que muitos catequistas ainda não vejam a catequese como ministério, devem ser incentivados a participarem das formações.

7. DIALOGAR NA IGREJA E NA SOCIEDADE

Quais são os lugares e as modalidades de diálogo no seio da nossa Igreja Particular? O diálogo acontece nos conselhos paroquiais, assembleias paroquiais nas reuniões de foranias e vicariatos e nos conselhos da Arquidiocese. Como também o diálogo acontece entre as pastorais, movimentos e associações, quando são promovidos momentos fraternos. Precisamos ainda crescer na escuta dos outros, como também melhorar nosso diálogo com a sociedade, colocando em prática a Doutrina Social da Igreja. A interação com os meios de comunicação e as redes sociais têm facilitado bastante.

Como são enfrentadas as divergências de visão, os conflitos, e as dificuldades? Com diálogo, tendo empatia com o próximo, buscando ouvir as realidades diferentes, com caridade. Buscando o apoio dos sacerdotes, fazendo reuniões extraordinárias para tentar resolver as dificuldades.

Como promovemos a colaboração com as dioceses vizinhas, com e entre as comunidades religiosas no território, com e entre associações e movimentos locais etc.? Através dos encontros do sub-regional e atividades pastorais buscando a comunhão e respeitando as diferenças. Nos retiros e cursos anuais na casa da Fraternidade Sacerdotal, na cidade de Salgado, Sergipe.

8. DIÁLOGO COM AS OUTRAS CONFISSÕES

Que relacionamento mantemos com os irmãos e as irmãs das outras confissões? Ainda estamos distantes. O diálogo ecumênico tem sido difícil no mundo polarizado, com tantas ideologias. Já tentamos através do culto ecumênico, mas não existe mais o mesmo com o diálogo interreligioso; existem conversas apenas pontuais. Da nossa parte, há respeito e um pouco de diálogo. Porém, da outra parte, muito fechamento.

Que frutos colhemos deste “Caminhar Juntos”? Aprendemos a respeitar o diferente e conversar com quem professa outra fé. Ajudaria, para uma boa aproximação, tentarmos um diálogo fraterno. Só a fraternidade e o amor nos levam a unidade tão querida por Jesus. Somente assim teríamos um desenvolvimento social, uma menor polarização religiosa, avanços na política, na cultura e na resolução de conflitos.

Quais são as dificuldades? A intolerância religiosa, proselitismo, fanatismo etc. A falta de acolhimento, de diálogo, de respeito e de aceitação do diferente. A abertura de ambas as partes, o medo o preconceito e a doutrina, que não pode ser desvirtuada.

Com as comunidades não-cristã, como poderíamos “caminhar juntos”? Valorizando o que nos une, e não o que nos separa. Colocando Jesus como o centro da nossa comunhão. Promovendo ações sociais que nos unem, sempre com amor, respeito e tolerância. Deixando de nos achar superiores aos outros, buscando desenvolver atividades que visem a inclusão e a união de ambos.

9. AUTORIDADE E PARTICIPAÇÃO

Como se identificam os objetivos a perseguir, o caminho para alcançar e os passos a dar? Foi em comum acordo nas respostas sobre este quesito, à necessidade de se criar um diálogo verdadeiro e fraterno entre todos os membros da Igreja. Através deste diálogo, ouvir, refletir, discutir e rezar as reais situações da caminhada eclesial, tendo presente também, as diversas situações atuais do contexto social em que a Igreja é chamada a se envolver na busca da promoção do bem.

Como se promovem as responsabilidades por parte dos fiéis em comunhão com os pastores? Através da obediência, do respeito, da confiança, da participação, da comunhão e da unidade dos fiéis leigos com os seus pastores, que os levarão a um sadio exercício da ministerialidade nos diversos serviços que os fiéis executam na vida eclesial, exercendo desta forma o seu sacerdócio comum.

Quais são as práticas de trabalho em grupo e de corresponsabilidade? Muitos são os sinais da presença do Reino de Deus entre nós manifestados na diversidade das atividades eclesiais: celebrações litúrgicas (adequada vivência do Ano Litúrgico), retiros, encontros, formações, assembleias, trabalhos comunitários, festas dos padroeiros, ações sociais para a promoção do bem, momentos fortes da missão evangelizadora etc. Todas essas atividades refletem o rosto da Igreja Sinodal na comunhão, participação e missão.

10. DISCERNIR E DECIDIR

Como promovemos a participação na tomada de decisões, no seio de comunidades hierarquicamente estruturadas? Promove-se a participação na tomada de decisões na vida

eclesial, sobretudo através da escuta e do diálogo. Nos diversos encontros e reuniões dos conselhos pastorais, dos conselhos econômicos, como também de coordenação das pastorais, movimentos e comunidades. Levando a todos que realizam as diversas atividades o sentir-se Igreja.

Como podem eles serem melhorados? Intensificando a urgente necessidade da participação de todos na vida de oração, e conseqüentemente promovendo momentos fortes de formações que levem os fiéis da Igreja a refletir profundamente sobre a necessidade da escuta e do diálogo construtivo em busca de uma Igreja sinodal (comunhão, participação e missão).

11. FORMAR-SE NA SINODALIDADE

Como formamos as pessoas, de maneira particular aquelas que desempenham funções de responsabilidade no seio da comunidade cristã, a fim de as tornar mais capazes de “caminhar juntas”, de se ouvir mutuamente e de dialogar? Promovendo formações continuadas e de diversos temas através das paróquias, foranias e vicariatos. Tendo uma atenção especial voltada para o estudo da Sagrada Escritura, do Catecismo da Igreja Católica e de outros documentos elaborados pelo Magistério, sobretudo favorecer aos leigos um melhor conhecimento da Doutrina Social da Igreja.

Que formação oferecemos para o discernimento e o exercício da autoridade? O sadio exercício da autoridade só fará bem a Igreja. Precisamente para esta finalidade não vemos acontecer em contexto geral no seio da Igreja esse trabalho formativo. Todavia, vemos que em alguns momentos esporádicos este tema é abordado em homilias, pregações, palestras e em outros momentos formativos.

Que instrumentos nos ajudam a interpretar as dinâmicas da cultura em que estamos inseridas e seu impacto no nosso estilo de Igreja? A Igreja porque está inserida na sociedade deve estar atenta as realidades existenciais do mundo. Realidades estas muitas vezes marcadas pelos desafios de uma sociedade injusta. A escuta e o diálogo ajudarão a Igreja fazer esse discernimento sobre o impacto causado pela cultura no seu modo de ser e agir.

CONCLUSÃO

No findar do presente Relatório, desejamos apresentar as nossas impressões mediante o que observamos, colhendo da experiência de escuta e, de certa maneira, de ponte entre os nossos irmãos da Arquidiocese de Aracaju e o Romano Pontífice.

Vimos, em mais uma vez, o quanto é importante andarmos juntos. Como se propõe a etimologia do termo '*sínodo*': o trilhar juntos um caminho é ter o outro como necessário. O outro que deve se fazer próximo, que, como todo ser humano, tem anseio - e anseio de felicidade. O outro que vai; o outro que quer descobrir. O outro, enfim, que é diferente, mas que, univocamente, é chamado a, nos mistérios da diversidade da vida, percorrer o Caminho-Cristo, Verdade e Vida (cf. Jo 14,6).

Com a consciência de que devemos caminhar juntos, honestamente, enquanto Igreja particular de Aracaju, temos tranquilidade. Já há alguns anos, por exemplo, os nossos planos de pastoral são construídos nas paróquias, pelos nossos fiéis. Isso porque compreendemos que essas partículas refletem a diversidade da Igreja, ensaiando o que temos por uma de suas quatro notas: a catolicidade. Porém, mesmo percebendo que já estávamos no caminho certo, ao adotarmos, de maneira positiva, a mesma metodologia para a construção deste relatório - não obstante também ter havido a consulta para os que não estão atrelados à instituição paroquial através das vias virtuais -, estampa-se a necessidade de nos desenvolvermos ainda mais.

Por mais que tenhamos nos proposto a ouvir a todos, muitos não quiseram falar; e assim, deixaram-nos a caminhar sem as suas vozes. No universo da Igreja Arquidiocesana, foi notada certa indiferença. Com um total de 112 jurisdições paroquiais, quase 1.000.000¹ de católicos e 1.400.000 habitantes, obtivemos apenas a resposta de 58 questionários. É bem verdade que por trás deste número diminuto há a participação de um número superior, entretantes, muito aquém do que esperávamos. A indiferença, segundo leituras que fizemos da imprensa sobre o assunto, não foi um fenômeno na consulta promovida pela Igreja de Aracaju, e sim fortemente notada pelo mundo afora, onde a participação foi mínima e, talvez, tumultuada. Julgamos que esta apatia também seja fruto de uma cultura indiferente - não apenas à Igreja, mas de uma maneira geral - e pouco comprometida; uma cultura fluida, digamos.

Falando ainda em tumulto, na análise das respostas, não obtivemos respostas heterodoxas, como nalgumas partes do mundo, principalmente na Europa. O que não significa dizer que o nosso povo tenha ideias claras sobre a Igreja e a vida eclesial. Prova isto a confusão que, por exemplo, fizeram entre a autoridade e o ministério ordenado. Apesar de que, verídica e infelizmente, alguns pastores apascentem o Santo Povo de Deus com "punhos de ferro", tal como recriminou o Senhor², o que não é generalizado em nosso meio.

Poderíamos apontar outros pormenores, porém, o delongar-nos não nos cabe. Com tais impressões, suficientemente, prevemos que a Igreja, com o Sínodo sobre a sinodalidade, colherá, não apenas na pastoral ou no governo, mas, sobretudo na espiritualidade, que eiva a sua vida e seu agir, numerosos, variados e aprazíveis frutos como "vinha do Senhor" (cf. Mt 21,33-43.45-46), suscitados pelo Espírito Santo, fonte de vida; Ele que sopra e orienta o nosso navegar, o nosso caminhar à perfeição da vida trinitária, na eternidade da glória.

¹ Segundo estimativas para o ano de 2018.

² Cf. Mc 10,42-45; 9,35; Mt 23,11-12